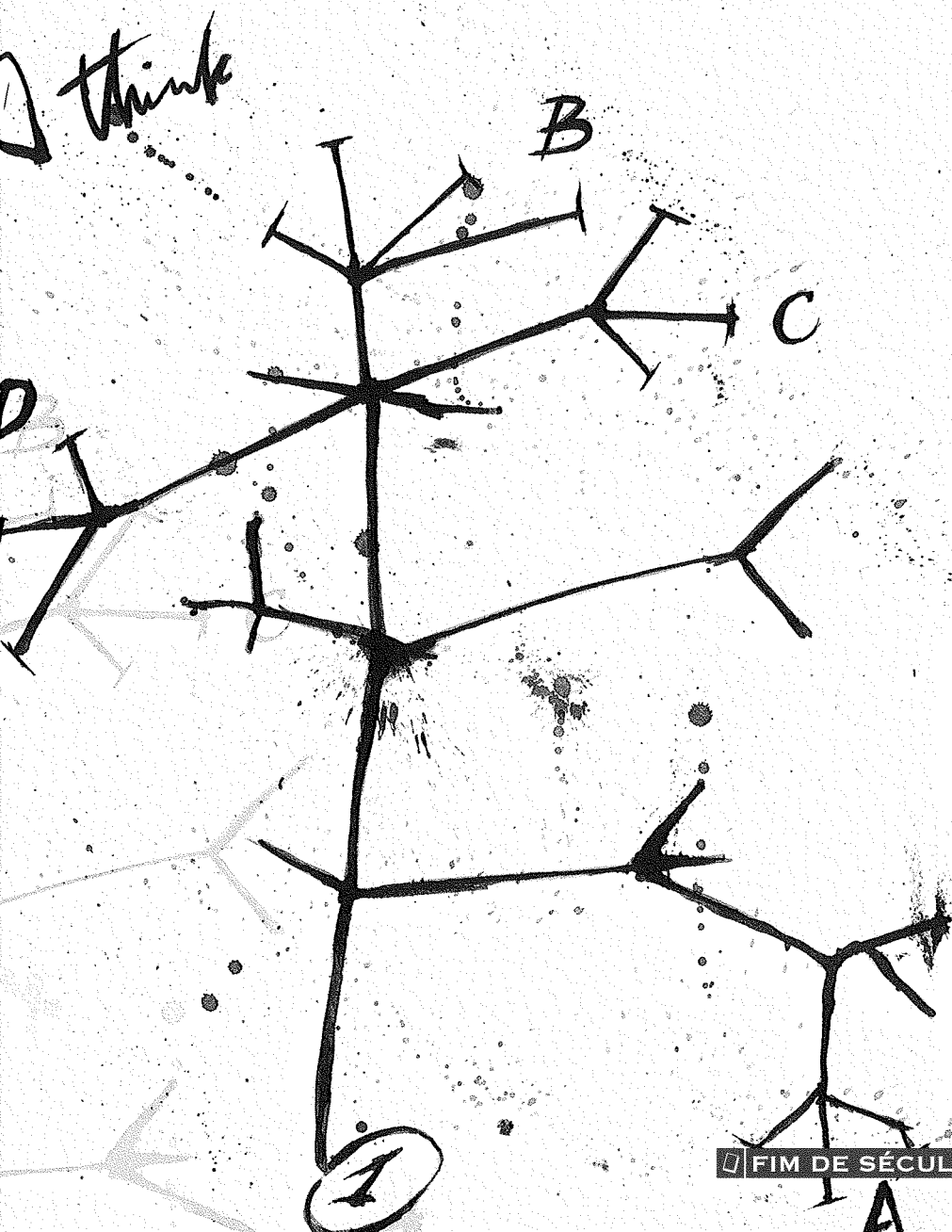


OLGA POMBO E MARCO PINA (ORG.)
EM TORNO DE DARWIN



TÍTULOS DA COLECÇÃO

- João Araújo, *As Cidades, os Castelos e a Onda*
Olga Pombo, Silvia Di Marco and Marco Pina (org.),
Neuroaesthetics: Can Science Explain Art?
Olga Pombo e Silvia Di Marco (org.), *As Imagens com que a Ciência se Faz*
Rodrigo Vilhena, *Solaris – Sistema Beta Pictoris*
Alberto Faria, *A Colecção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa*
(1830-1935) – Tradição, formação e gosto
Cristina Azevedo Tavares (org.), *Representações do Corpo na Ciência e na Arte*

Iniciativa do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL) – Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sediada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. A presente colecção enquadra-se no projecto A Imagem na Ciência e na Arte (PTDC/EAT/64201/2006), coordenado por Olga Pombo. Levado a cabo por uma equipa constituída por elementos provenientes de várias áreas do conhecimento (Filosofia, Ciências e Belas Artes), o projecto A Imagem na Ciência e na Arte tem como principal objectivo pensar o estatuto da imagem nas Ciências e nas Artes.

<http://cfcul.fc.ul.pt>
<http://ica.fc.ul.pt>
<http://lisboncisa.fc.ul.pt/>

APOIOS

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa – Unidade de I&D
da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)
Projecto “A Imagem na Ciência e na Arte” (PTDC/EAT/64201/2006)
Programa de Apoio à Comunidade Científica (FACC)

EM TORNO DE DARWIN

ORGANIZAÇÃO

OLGA POMBO e MARCO PINA

AUTORES

MANUEL CADAFAZ DE MATOS · JOHN WILKINS
OLGA POMBO · RICARDO SANTOS · JUAN MANUEL TORRES
JOÃO CONSTÂNCIO · MAGDA COSTA CARVALHO
M. PATRÃO NEVES · GIL C. SANTOS

DIRECÇÃO DA COLECÇÃO

OLGA POMBO

PAGINAÇÃO

JORGE SÊCO

CAPA

SÉRGIO RAFAEL

ISBN

978-972-754-291-8

DEPÓSITO LEGAL

341069/12

OLGA POMBO · MARCO PINA

(ORGANIZAÇÃO)

EM TORNO DE DARWIN

AUTORES

MANUEL CADAFAZ DE MATOS · JOHN WILKINS
OLGA POMBO · RICARDO SANTOS · JUAN MANUEL TORRES
JOÃO CONSTÂNCIO · MAGDA COSTA CARVALHO
M. PATRÃO NEVES · GIL C. SANTOS

FIM DE SÉCULO

NO RASTO DO “VERDADEIRO EVOLUCIONISMO”: O IMPACTO DE DARWIN NO PENSAMENTO DE HENRI BERGSON

MAGDA COSTA CARVALHO¹ E M. PATRÃO NEVES²

Charles Darwin (1809-1882) e Henri Bergson (1859-1941) cruzaram-se simbolicamente em 1859, ano da publicação de *On the Origin of Species* e do nascimento de Bergson. Esta coincidência cronológica assume pleno significado se tivermos em conta que a obra bergsoniana representou o primeiro diálogo da metafísica contemporânea com o evolucionismo biológico.

Bergson foi um profundo conhecedor da biologia evolutiva da sua época. O seu interesse pelos resultados das ciências da vida, como a paleontologia ou a embriologia, ficou a dever-se ao que designamos como um “projecto bio-filosófico”: a importação do modelo positivo da biologia como paradigma cognitivo para a compreensão filosófica do carácter dinâmico subjacente aos fenómenos vitais. Foi nesse contexto que Bergson se confrontou com a obra de Darwin, a par com estudos de outros investigadores e correntes científicas que procuravam explicar os mecanismos subjacentes às transformações filogenéticas³.

Bergson estava interessado em construir uma *metafísica da vida* no seio da qual se tornava imprescindível integrar o que as *ciências dos seres*

¹ Universidade dos Açores; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

² Universidade dos Açores; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

³ Na sua obra de 1907, *L'évolution créatrice*, Bergson dedica-se explicitamente à análise de quatro teorias evolutivas: a variação insensível de Darwin, a variação brusca de De Vries, a ortogénese de Eimer e a hereditariedade do adquirido do neo-lamarckismo. Arnaud François afirma a este propósito: “Il faut bien avoir conscience que le choix de ces quatre doctrines et d'aucune autre n'a rien de fortuit ou de complaisant, et que Bergson n'est pas celui qui aurait sélectionné ses adversaires pour pouvoir plus facilement les vaincre. Les différents évolutionnismes auxquels il se confronte sont bien ceux autour desquels se déroulaient les débats de l'époque.”, H. Bergson, *L'évolution créatrice*, Édition critique, Presses Universitaires de France, Paris, 2007, p. 422, nota 164.

vivos concluíam sobre a realidade em termos positivos⁴. Assim sendo, o autor confrontou-se com as teorias evolutivas, retendo as orientações de fundo que aquelas seguiam acerca dos fenómenos vitais.

Estudar o impacto de Darwin na filosofia bergsoniana implica, pois, que se tenha em consideração que o carácter íntimo deste pensamento é metafísico, significando que é enquanto filósofo e não enquanto biólogo especializado que Bergson se interessa pelo problema da evolução. Ou seja, o estudo dos trabalhos científicos do naturalista inglês representou para Bergson mais uma oportunidade de abrir a reflexão filosófica a um fecundo intercâmbio com os dados positivos do real.

Darwin na obra de Bergson

O vasto e diversificado interesse de Bergson pelos estudos naturais de Darwin não se restringe às questões evolutivas. As primeiras referências a Darwin surgem bastante cedo. No ano de 1883, com apenas 24 anos, Bergson encontra-se a leccionar filosofia em Clermont-Ferrand e prepara a edição de uma obra comentada do poeta latino Lucrecio. Num breve mas incisivo comentário, faz uma analogia “ao grande naturalista Darwin”, sublinhando o carácter *ainda* hipotético do transformismo biológico⁵.

Poucos anos mais tarde, Bergson regressa às reflexões sobre a obra de Darwin. Em 1889, cumpre-se a estreia filosófica do autor com a publicação da tese de doutoramento, *Essai sur les données immédiates de la conscience*. A obra é dedicada ao esclarecimento de uma série de equívocos surgidos em estudos de psicologia da época a respeito dos fenómenos psíquicos. No primeiro capítulo, a propósito da quantificação indevida dos estados interiores da consciência, o autor aborda o papel desempenhado pelo corpo na exteriorização de determinadas emoções. É precisamente a este propósito que surgem as referências a Darwin. Bergson cita alguns excertos de *The expression of the emotions in Man and animals* enquanto notável descrição de alterações fisiológicas decorrentes de determinadas emoções como a fúria ou a dor⁶.

⁴ H. Bergson, *La pensée et le mouvant. Essais et conférences*, Presses Universitaires de France, Paris, 2003, p. 28.

⁵ H. Bergson, *Mélanges*, Presses Universitaires de France, Paris, 1972, p. 292.

⁶ *Idem*, *L'essai sur les données immédiates de la conscience*, Édition critique, Presses Universitaires de France, Paris, pp. 21-23; 27-28.

As primeiras aproximações do pensamento de Bergson à produção de Darwin fizeram-se, assim, através do horizonte bio-filosófico de consideração da realidade. Isto mesmo é reafirmado em *L'évolution créatrice* (1907), nas referências a dois estudos darwinianos na área da botânica: *Climbing Plants* e *Fertilisation of Orchids*.

Na segunda parte de *L'évolution créatrice*, na exposição acerca do instinto enquanto uma das direcções evolutivas divergentes presentes na actividade vital que percorre o mundo natural⁷, Bergson considera que a vida se cinde em três grandes “tendências”, ou virtualidades de carácter psíquico, que se conjugam nas manifestações vitais positivas – o torpor (*torpeur*), o instinto e a inteligência – e que, estando cada uma delas mais presente num determinado reino natural – o vegetal, o animal ou o humano – se encontram co-presentes em graus diferenciados em todos os seres vivos. Nesta passagem de *L'évolution créatrice*, o filósofo procura evidenciar de que modo o torpor vegetal se aproxima, por vezes, de comportamentos análogos ao instinto animal e remete o leitor para as investigações feitas por Darwin nas duas obras referidas. Bergson é particularmente sensível às descrições de algumas orquídeas e plantas trepadoras que, para permitir a sua fecundação pelos insectos, “executam manobras maravilhosamente combinadas”.

Não é por referência a Darwin, enquanto representante de uma teoria evolutiva, que estas indicações surgem no corpo do texto de *L'évolution créatrice*. Aliás, a indicação do nome do naturalista surge apenas em rodapé. Bergson está simplesmente a referir-se a determinadas investigações de botânica. Parece-nos, pois, claro que nestes casos o impacto de Darwin sobre Bergson decorre da produção de uma leitura natural que procura vincar as características e os comportamentos positivos dos fenómenos vitais. Para tanto, o recurso aos trabalhos de naturalistas e biólogos da época, como era o caso de Darwin, consistia para Bergson uma etapa metodológica incontornável.

Julgamos, assim, necessário introduzir uma distinção metodológica entre, por um lado, a relação de *Bergson-metafísico* com o trabalho de *Darwin-investigador-das-ciências-biológicas* e, por outro, a aproximação do evolucionismo bergsoniano às orientações evolutivas de inspiração darwinista.

⁷ *L'évolution créatrice*, Édition critique, Presses Universitaires de France, Paris, 2007, pp. 170-172.

O darwinismo no evolucionismo metafísico de Bergson

A partir deste exercício de análise cronológica das referências bergsonianas a Darwin, que extrapolam os limites da temática evolutiva, damos conta de um facto incontornável. Após a publicação de *L'évolution créatrice*, essas referências desaparecem dos estudos do filósofo e o que permanece são as referências ao darwinismo enquanto teoria da evolução natural.

É nesta obra de 1907 que se firma o projecto filosófico de Bergson enquanto estudo da vida no seu movimento íntimo, o que implica a elaboração de um evolucionismo de cariz metafísico. Assim sendo, a partir de *L'évolution créatrice*, Bergson empenha-se no aprofundamento dessa perspectiva, conferindo-lhe até à sua última obra original, *Les deux sources de la morale et de la religion* (1932), contornos que ultrapassam um registo meramente biologista. Será esse, portanto, o contexto de todas as posteriores menções ao darwinismo. Reconstituamos brevemente o impacto dessas referências no projecto global bergsoniano.

É Theodosius Dobzhansky que afirma que Bergson foi o mais eminente de todos os filósofos que construíram o seu pensamento a partir dos evolucionismos biológicos⁸. Consideramos que essa constitui, aliás, a principal originalidade do filósofo francês que, como afirmámos, insere a discussão da biologia transformista da época na compreensão da verdadeira essência da vida.

Nesse contexto, em *L'évolution créatrice*, Bergson começa por discutir a justeza e legitimidade dos dois grandes paradigmas filosóficos de interpretação do Universo: mecanicismo e finalismo⁹. Bergson refere-se-lhes metaforicamente como as duas peças de roupa que o pensamento humano dispõe para “vestir” a vida, considerando que, em rigor, nenhum dos dois lhe serve com exactidão. A sua proposta vai no sentido de recorrer apenas ao finalismo, considerando que essa perspectiva poderá adequar-se aos fenómenos vitais, desde que seja conveniente-

⁸ T. Dobzhansky, “L'Évolution Créatrice”, *Diógene* (1967) 58, 64-80.

⁹ O *mecanicismo* consiste numa teoria filosófica que explica a totalidade dos fenómenos naturais apenas pelo movimento local dos elementos que constituem a matéria, sem a intervenção de qualquer princípio de energia intrínseco. É comumente oposto ao *finalismo*, teoria segundo a qual os fenómenos do mundo físico se explicam devido à acção de determinadas causas finais, ou seja, realizam um determinado objectivo ou finalidade.

mente “recortada” e “recosida”¹⁰. Antes de a formular, porém, Bergson analisa pormenorizadamente as diversas configurações científicas do mecanicismo.

É neste enquadramento que surgem as principais teorias do evolucionismo biológico. Bergson convoca-as a propósito de um exemplo evolutivo concreto, com o intuito de evidenciar as lacunas que, no seu entender, limitavam a biologia da evolução. O filósofo ocupa-se da justificação de um aspecto que, em seu entender, seria não só um dos principais enigmas naturais, como também um elemento fundamental para a descoberta do verdadeiro segredo explicativo da evolução: o motivo pelo qual surgem órgãos sensoriais idênticos em espécies independentes e cujos processos de desenvolvimento são, em tudo, dissemelhantes. Mais concretamente, como explicar a presença de olhos com as mesmas estruturas funcionais no homem e em determinados moluscos? O que explica que, por exemplo, o olho de uma vieira seja estruturalmente análogo ao olho humano (compostos pelos mesmos elementos – retina, córnea e cristalino – e com uma estrutura celular idêntica)?¹¹

As diversas teorias evolutivas de inspiração mecanicista eram desacreditadas pelo filósofo por sustentarem que a evolução resultaria apenas de

¹⁰ Sobre o conceito de “finalismo” apresentado por Bergson, registemos apenas que o autor afirma que a causa íntima da realidade é criadora de efeitos onde se ultrapassa a si própria, mas jamais aceita que estes efeitos se encontrem previamente dados ou possam ser deduzidos *a priori*. Não se tratam, pois, de finalidades no autêntico sentido do termo. Contudo, uma vez produzidos, o pensamento pode analisar estes efeitos racionalmente e reconstruir retrospectivamente a trajetória por eles percorrida (*L'évolution créatrice*, p. 52). É este o sentido *diferente e renovado* do finalismo proposto na obra bergsoniana (H. Bergson, *Mélanges*, Presses Universitaires de France, Paris p. 1524).

¹¹ *L'évolution créatrice*, pp. 62-63. Este exemplo foi já contestado por Bernard Balan e Armand Riquès, que mencionaram a sua falta de rigor científico. Contudo, reforçamos a postura de P.-A. Miquel que ressalva que, ainda que a biologia tenha já demonstrado não haver qualquer semelhança entre o olho humano e o olho da vieira, é possível reabilitar o exemplo bergsoniano se considerarmos o aparelho visual de outro tipo de molusco, como seja um cefalópode como o choco, cf. “De l'immanence de l'élan vital à l'émergence de la vie”, in Worms F (ed.) *Annales bergsoniennes, Tome 3: Bergson et la science*, Presses Universitaires de France, Paris, pp. 221-222.

Acrescentamos ainda que, apesar de a questão da complexidade morfológica e funcional do olho ser recorrentemente utilizada pelos movimentos criacionistas como indicio da existência de um desígnio inteligente na natureza, Bergson nunca se coloca nesta perspectiva. O autor considerava, aliás, que “*Tout est obscur dans l'idée de création si l'on pense à des choses qui seraient créées et à une chose qui crée, comme on le fait d'habitude, comme l'entendement ne peut s'empêcher de le faire.*”, (*L'évolution créatrice*, p. 249). Desta feita, a argumentação de Bergson jamais abandona a referência à perspectiva positiva evolucionista acerca do mundo natural.

uma adaptação do organismo a determinadas condições físico-químicas exteriores. *L'évolution créatrice* apresenta-as em três grandes grupos: as que atestam que as variações biológicas decorrem de um mecanismo puramente acidental, inspiradas por Darwin e De Vries; as que defendem que essas variações se dirigem num determinado sentido definido, exemplificadas por Eimer; e as que colocam no próprio organismo a causa dessas variações, seja segundo um mecanismo hereditário, seja de acordo com um princípio voluntário consciente, de inspiração lamarckiana e neolamarckiana.

As críticas bergsonianas à teoria darwinista são bidireccionadas: procuram demonstrar a insuficiência dos mecanismos adaptativos e evidenciar a necessidade de colmatar a dimensão acidental das variações dos organismos com um outro tipo de causalidade.

No que respeita propriamente a questões como o surgimento e desenvolvimento de um aparelho visual complexo no homem e na vieira, em especial o processo segundo o qual foram concretizadas as variações conducentes a esse resultado, o darwinismo partia da noção de adaptação do organismo às condições exteriores e postulava uma série de alterações acidentais insensíveis – princípio comumente designado como gradualismo – conservadas pela selecção natural e fixadas pela transmissão hereditária. Ou seja, os factores ambientais favoreciam os espécimes melhor adaptados com pequenas modificações que se operavam paulatinamente e de forma quase imperceptível, sendo depois privilegiadas pela selecção natural. A dimensão subtil e infinitesimal das alterações permitia preservar a harmonia e coordenação operativa entre as várias partes que constituem a morfologia do órgão em questão, de modo a nunca porem em causa o exercício da sua função.

Todavia, continua Bergson, segundo a própria economia dos princípios darwinianos, enquanto os novos caracteres dissimulados não demonstram qualquer benefício ou utilidade para a espécie em causa, a sua conservação não é favorecida pelo mecanismo selectivo. Apenas resistem as mudanças evolutivas que demonstram uma clara vantagem utilitária adaptativa para a sobrevivência das espécies em causa. Assim sendo, considera o filósofo, se a dimensão dessa variação é ligeira, jamais se conseguirá impor enquanto centro de irradiação de variações complementares que, coadjuvadas pela primeira, permitam accionar o processo de selecção natural.

Deste modo, não concebendo que as modificações pudessem ser ao mesmo tempo imperceptíveis e úteis, Bergson entende que se a fragilidade da explicação darwinista ficava claramente patente no caso da formação de um único aparelho visual, com maior razão seria inviabilizada

no exemplo da similitude entre o olho humano e o olho do molusco. Pois, como se poderia justificar que as mesmas pequeníssimas variações fossem produzidas e acumuladas segundo a mesma ordem, em duas linhas evolutivas completamente independentes, se o seu surgimento era puramente acidental?

Nem a invocação por Darwin da lei da correlação poderá resolver o problema, conclui Bergson¹². Esse princípio, segundo o qual as alterações não se localizam num ponto único do organismo, mas repercutem-se necessariamente noutras partes, parece-lhe insuficiente enquanto explicação. Confundem-se aí *variações solidárias* com *variações complementares*: as primeiras são apenas simultâneas, quando o que conta é que as diversas alterações se produzam de modo coordenado para que o órgão em causa não apenas continue a cumprir a sua função, mas o faça de um modo cada vez mais aprimorado. Para Bergson, a selecção natural, por si mesma, não se mostrava suficiente enquanto motor da evolução.

Assim sendo, podemos sistematizar as críticas de Bergson ao darwinismo em três eixos nucleares: como vimos, a dimensão imperceptível das alterações morfológicas tornaria impossível justificar que as variações demonstrassem a sua utilidade e fossem mantidas pela selecção natural.

Para além disso, o carácter casual das variações implicaria que se respondesse ao problema da similitude morfológica entre duas espécies distintas através do recurso à probabilidade, o que equivaleria a reconhecer que o fundamento do princípio da variabilidade evolutiva era exterior aos organismos, residindo num mero jogo de acasos.

E, por último, a invocação da capacidade adaptativa dos organismos às condições exteriores revelar-se-ia uma explicação insuficiente já que, em termos positivos, remeteria para a necessidade do acaso e, a nível filosófico, fundiria dois sentidos diferenciados da noção de “adaptação” (enquanto *inserção* passiva da matéria orgânica numa forma pré-existente e enquanto *construção* em que a vida responde activamente aos obstáculos exteriores)¹³. Essa confusão conceptual resultaria, para Bergson, num discurso antropomórfico teleológico que atribui ao organismo uma causalidade previamente orientada.

Bergson conclui que o darwinismo necessitaria, então, de fazer intervir uma outra causalidade não mecânica que, aliada à selecção natural, pugnasse pela conservação geral da espécie. A tónica da crítica bergsoniana residia na insuficiência operativa resultante da conjugação das

¹² *L'évolution créatrice*, p. 67.

¹³ *L'évolution créatrice*, p. 59.

concepções de “variação acidental insensível” e de “selecção natural”. A justificação de alterações fisiológicas como as que estavam em causa no exemplo da fisiologia ocular teria de recorrer a uma força especial de modo a garantir a desejada ocorrência e manutenção. Uma vez que o darwinismo fazia depender as variações apenas de factores casuais, Bergson considerava que o exemplo do olho demonstrava como a selecção natural, descrita por Darwin, teria de ser coadjuvada por uma qualquer intervenção *milagrosa*.

A hipótese darwinista que assentava numa tendência dos organismos para a variação acidental, rejeitando a presença de uma orientação evolutiva num sentido determinado, era, então, definitivamente recusada por Bergson. A complexidade fisiológica e histológica presente na estrutura do olho humano e de alguns moluscos, aliada ao carácter intrincado do exercício da função visual mantido durante a história evolutiva das duas espécies, representavam os grandes obstáculos à aceitação da teoria darwinista. Com base nas provas concretas das observações empíricas encontradas na literatura científica da época, e nas teses daí decorrentes, Bergson conclui não ser possível aceitar que o acaso oriente a evolução da vida.

A insuficiência que Bergson detecta no darwinismo decorre da ausência de um princípio explicativo que dê plenamente conta da evolução das espécies, quer em termos positivos, quer em termos metafísicos. Concluímos, portanto, que as críticas de Bergson não são uma refutação pura e simples da obra de Darwin ou das orientações evolutivas fundadas sobre ela, mas decorrem da permanente inter-relação que, de acordo com o autor francês, o pensamento filosófico deve cultivar com as ciências da vida.

Como vimos, após a publicação de *L'évolution créatrice*, a postura de Bergson perante o darwinismo mantém-se idêntica, revelando o seu empenho em importar dos evolucionismos científicos a comprovação positiva da variabilidade e da complexificação morfológica das várias espécies.

Em 1911, o filósofo apresenta uma conferência na Universidade de Birmingham, sobre “*Life and Consciousness*”, onde atesta que a evolução da vida na Terra consiste no esforço de uma força essencialmente criativa que atravessa toda a matéria. Aliás, era esse o veio essencial do evolucionismo metafísico que Bergson apresentara três anos antes em *L'évolution créatrice*. Nesse seguimento, o autor afirma: “*There is no need to recall here all the facts which, since Lamarck in France and Darwin in*

England, have been adduced to confirm the idea of an evolution of species, that is to say, of the generation of some species from others commencing by forms probably of infinite simplicity.”¹⁴

Mais tarde, na sequência das comemorações, em 1909, do centenário do nascimento de Darwin e dos 50 anos da publicação da *On the Origin of Species*, Bergson reafirma a crítica à formulação original do darwinismo, sobretudo no que respeita à insuficiência explicativa do acaso enquanto causa das variações evolutivas. Numa conferência, a propósito da obra *Darwin and the Humanities*, de James Mark Baldwin, explica a necessidade de complementar a abordagem inicial de Darwin com formulações posteriores que permitam dispensar a hereditariedade dos caracteres adquiridos. E afirma: “*Signalons tout particulièrement, parmi les trois derniers chapitres du livre, celui qui est intitulé ‘Le darwinisme et la philosophie’. M. Baldwin y développe cette idée (à notre avis capitale) que la doctrine évolutionniste n’est pas nécessairement mécanistique, qu’il peut y avoir plus ou moins dans l’effet qu’il n’y avait dans la cause, enfin que la nature produit des nouveautés.*”¹⁵

Em 1932, na sua última grande obra original, *Les deux sources de la morale et de la religion*, Bergson reafirma o carácter positivo e metafísico do princípio vital, indicador de que a vida não se pode reduzir às explicações naturalistas fornecidas pela física e pela química. Bergson recupera, então, as principais orientações do seu evolucionismo e menciona apenas uma teoria do evolucionismo biológico, o darwinismo, insistindo na sua consideração enquanto *insuficiente*.

Não pode passar despercebido ao leitor o facto de nenhum outro nome ou orientação biológica ser aqui referido, ao contrário da panóplia de investigadores e cientistas evolutivos citados em *L’évolution créatrice*. Dar-se-ia, provavelmente, o caso de nesta data já o darwinismo se ter destacado enquanto orientação prevalecte no seio da biologia evolutiva e de Bergson acompanhar essa alteração destacando apenas esta teoria no seio das propostas científicas referidas em 1907.

Para além disso, consideramos que é provável que Bergson estivesse a ser interpelado pelos seus leitores no sentido de se posicionar especificamente em relação ao darwinismo. É o que parece suceder numa carta de 1935¹⁶ que, tanto quanto nos foi possível apurar, consiste no último registo escrito de Bergson sobre Darwin e que reafirma de um modo

¹⁴ *Mélanges*, p. 928.

¹⁵ *Idem*, p. 1023.

¹⁶ *Idem*, p. 1526.

inequívoco a posição bergsoniana acerca da insuficiência explicativa da formulação original do darwinismo.

O problema não residia em nenhuma insuficiência positiva do darwinismo, mas na necessidade, garantida apenas pela filosofia, de integrar toda e qualquer leitura empírica dos fenómenos vitais numa perspectiva mais abrangente que ultrapassasse um registo meramente naturalista.

O “verdadeiro evolucionismo”

O que representava, então, uma obra como *On the Origin of Species* no âmbito do pensamento bergsoniano? Nada menos que o texto-matriz que inspirou e orientou diversas gerações de investigadores posteriores e que continha os fundamentos de um determinado modo de perspectivar positivamente a evolução natural.

Foi sobretudo esse o impacto do darwinismo no projecto filosófico de Bergson. O que motivava o filósofo não se resumia a uma análise monográfica da obra de Darwin, mas à assimilação de determinadas orientações dela resultante, ou seja, àquilo que Bergson denominava como “o espírito do darwinismo”¹⁷.

E, nesse contexto, foi da teoria neodarwiniana do plasma germinativo, defendida por August Weismann, que Bergson mais se aproximou em termos positivos. Em *L'évolution créatrice*, Bergson refere-se à “vida em geral” como uma energia ou impulsão contínua presente nos germens dos organismos e que se transmite reprodutivamente¹⁸. Da teoria weismanniana o autor aceitava que alguns caracteres morfológicos fossem transmitidos através da influência real da parte somática dos indivíduos sobre as células responsáveis pela reprodução. Bergson considerava que, em termos positivos, cada ser vivo era habitado por uma energia germinal intergeracional, responsável pela evolução da espécie num determinado sentido, apenas descoberto pelo pensamento retrospectivamente.

Contudo, nem mesmo nesta preferência por Weismann, a posição bergsoniana é unilateral. A procura filosófica por uma teoria evolutiva levou Bergson a conjugar as propostas do biólogo alemão com outras orientações científicas, optando por situar-se entre as tendências neodarwinista e neolamarckista¹⁹. Na primeira, criticava a natureza acidental

¹⁷ *L'évolution créatrice*, p. 55.

¹⁸ *Idem*, pp. 26 e ss.

¹⁹ *Idem*, pp. 171-173.

das variações, mas concordava que era ao nível germinal que se processava a dinâmica evolutiva; na segunda, recusava a dimensão individual do esforço responsável pela variabilidade, ainda que aceitasse que se tratava de facto de um “esforço” ou “impulso”, embora não de carácter inteligente.

É, pois, neste espaço aberto entre neodarwinismo e neolamarckismo que Bergson erige a hipótese evolutiva do “*élan vital*” enquanto impulso profundo que nem depende unicamente da adaptação dos organismos às circunstâncias exteriores, nem tem origem numa iniciativa individual dos seres vivos. Ainda que ambos esses factores colaborem na marcha evolutiva cósmica, a primazia reside na vida ela mesma enquanto princípio íntimo de actividade. Para Bergson, este princípio originário é de natureza psicológica²⁰, o que lhe permite cindir-se em diversas tendências que se interpenetram²¹.

²⁰ A institucionalização da psicologia como ciência autónoma constituiu um dos aspectos relevantes da cultura filosófica da época de Bergson, tendo influenciado não apenas a sua obra, como também a de muitos dos seus contemporâneos. Maine de Biran, o autor que é comumente considerado como o primeiro da linhagem filosófica do “positivismo espiritualista”, de que fez parte Bergson, inaugurara no início do século uma via de problematização que propunha assumir como campo de investigação positiva a experiência interior enquanto fonte de conhecimento. Para Biran, o ponto de vista autenticamente psicológico não é, pois, o que parte dos dados exteriores tal como os traduzem as nossas sensações, à semelhança do que propunham sensualistas como Condillac, mas aquele que assume o sentido íntimo enquanto fonte de certeza e infalibilidade. A primeira obra de Bergson, *L'essai sur les données immédiates de la conscience*, situa-se no seguimento dos diálogos entre a filosofia e a psicologia mantidos pelos autores da geração anterior, e procura sublinhar a especificidade dos fenómenos da consciência através da noção de “intuição”. Nas suas obras posteriores, o pensador amplia este domínio da vida interior da consciência enquanto primeiro campo de experiência positiva e, sem nunca abandonar o registo da intuição, perspectiva a vida íntima do Universo a partir da ideia de um fluxo constante de mudança e novidade que, em *L'essai sur les données immédiates de la conscience*, tinha sido já aceite como o fundo da vida da consciência. Na esteira biraniana, a psicologia foi encarada por Bergson como uma ciência positiva, estruturada em torno do método introspectivo que, por ser de carácter distinto das experiências empíricas mensuráveis, não deixava de ser objectivo e rigoroso. Segundo Bergson, a revelação intuitiva de que o substrato dos factos de consciência consiste numa actividade em permanente dinamismo criador vem revelar que o espírito é um processo vital e permite compreender que, afinal, essa consciência íntima é já a própria vida em movimento.

²¹ A palavra francesa “*élan*” significa, simultaneamente, “impulso”, “ímpeto” e “energia”. Porém, Bergson salvaguarda que esta noção não aponta para uma realidade de ordem física ou mecânica, antes para um princípio de cariz psicológico, fora de uma hipotética apreensão no espaço e incapaz de ser dividido ou dissociado internamente. Para o autor, a vida é, em si mesma, interpenetração psíquica constante, uma imensa virtualidade criadora que se vai desdobrando evolutivamente no seu contacto com a matéria, dando origem a tudo o que existe. Ao assumir este ponto de vista psicológico,

O recurso à noção de “*élan*” surge a Bergson simplesmente como uma imagem, a solução encontrada para sugerir o que não se pode conter em nenhum conceito estanque. Durante longas décadas de interpretação do pensamento bergsoniano, o *élan* foi abusivamente entendido como a marca de um vitalismo metafísico estéril e condenado a afastar-se do domínio científico. Contudo, o pensador é claro quando atesta que, por si mesma, esta imagem não tem nenhum valor, devendo ser utilizada como mera indicação de uma nova perspectiva evolutiva, bio-filosoficamente situada entre os dados positivos e a problematização metafísica²².

Bergson demonstra a necessidade de se perscrutar o íntimo dos seres naturais até ao nível da energia vital positivo-metafísica orientada por uma actividade constantemente criadora, atestando que a verdadeira causalidade evolutiva não é contemplada pelas explicações que se limitavam a uma análise científica dos organismos.

E porque os organismos vivos se distinguem dos objectos materiais pela história que contam em cada um dos seus momentos, como se fossem uma espécie de *memórias orgânicas*²³ que guardam registo do escoamento do passado no presente, nenhuma autêntica teoria da evolução poderá descurar o tempo real ou duração (*durée*), naquilo que ele afecta e condiciona o que são, hoje, os diversos seres vivos.

Para Bergson, isso equivale não só a procurar o traçado feito pela transformação biológica nas várias espécies, mas sobretudo a encontrar o fio condutor do ímpeto vital que comanda as diversas variações operadas no mundo da vida. Reconstruir a história da natureza viva implica considerá-la não apenas em termos de *resultados*, ou seja, na perspectiva das várias espécies que passaram pelo processo evolutivo, mas, em primeira instância, segundo a óptica da própria evolução, da actividade pela qual esses efeitos particulares foram produzidos de uma forma imprevisivelmente criadora.

Assim sendo, Bergson resolve o problema da similitude morfológica entre espécies distintas colocando-se na perspectiva da interioridade constituinte da realidade. Na natureza viva não existem causas e efeitos múltiplos e fragmentáveis, mas a operação de uma causalidade íntima dos organismos que, em si mesma, é acto simples e indivisível. Recusando a leitura científica de fundo mecânico em que se situava o darwinismo,

Bergson encontra uma concepção de energia espiritual sedimentada nos estados íntimos da consciência, mas nunca encerrada nos limites de um psicologismo estéril de estrita consideração do indivíduo.

²² *L'évolution créatrice*, p. 1526.

²³ *Idem*, p. 19.

Bergson demonstra a lacuna que existe em fazer corresponder às partes de um determinado efeito morfológico, partes de uma causa exterior múltipla. No que respeita às transformações evolutivas das espécies, não há uma equivalência simétrica entre as causas e os seus resultados, já que o que subjaz às mais diversas estruturas morfológicas é incomensuravelmente mais simples do que a complexidade pressuposta nas explicações do mecanicismo biológico. No entender de Bergson, aquilo que observamos dos organismos não é mais do que o culminar de um longo processo de formação e adequação do esforço íntimo originário a determinadas condições exteriores positivas.

A imagem da *limalha de ferro* elucidada-nos²⁴: suponhamos uma mão invisível que se move através de um ambiente inteiramente composto por limalha de ferro. À medida que a mão efectua certos movimentos, a limalha corresponde exercendo uma determinada resistência física e compondo-se em certas configurações. Se procurarmos explicar essa forma que a limalha de ferro assumiu, argumenta Bergson, poderemos optar entre a visão mecanicista que se ocupa da acção dos vários fragmentos de ferro uns sobre os outros, a visão finalista que postula um plano geral que superintendeu o comportamento da limalha, ou então, procurar a causalidade interna que entenda a acção da mão e a disposição das aparas de ferro como um todo indivisível em íntima correlação constitutiva. O esforço originário do *élan vital* adopta esta última explicação, transpondo para a origem biológica dos organismos vivos a ideia de um acto indivisível que, em contacto com determinados obstáculos físico-químicos, encontra a resistência responsável pela forma que assume.

A autêntica relação entre a complexidade do olho e a simplicidade da visão explica-se, então, de dois modos: por um lado, o que existe é apenas um único movimento simples e elementar, sendo a complexidade resultado da propensão do pensamento humano para a tradução da realidade em pontos de referência cristalizados que permitam orientar o homem na acção; por outro lado, é a intensidade da causa que produz, em bloco, a forma final do efeito. Se o ímpeto para a visão for moderado, origina aparelhos rudimentares, mas se assumir uma força maior, obterá um olho complexo. Independentemente da proximidade evolutiva das espécies, Bergson conclui então que a configuração dos vários órgãos exprime a intensidade com a qual se exerceu o impulso vital interno que lhes deu origem. Chegamos, assim, ao núcleo explicativo da causalidade especial

²⁴ *Idem*, p. 95.

que governa a vida: o impulso íntimo vital que se conserva e divide é a origem profunda da variação evolutiva das espécies.

A designação deste evolucionismo metafísico como o “verdadeiro evolucionismo” implica, então, que se procure o critério de “verdade” subjacente ao projecto de Bergson. Como temos vindo a reiterar, o autor não se coloca num plano gnoseológico absolutamente empírico e, por isso, não se situa num registo pautado apenas pela descrição positiva das características observáveis dos organismos.

Apesar de algumas das críticas a que esteve sujeito²⁵, a filosofia bergsoniana escapa a um simples naturalismo biologista. Se o registo de *L'évolution créatrice* poderia conduzir um leitor menos avisado para essa interpretação, a obra *Les deux sources de la morale et de la religion* não deixa margem para dúvidas ao destacar a dupla dimensão da natureza enquanto processo orgânico que subjaz à evolução das espécies (*Nature naturée*) e enquanto energia vital que impulsiona os seres para o plano espiritual (*Nature naturante*)²⁶.

A cruzada de Bergson centrou-se na procura dos critérios adequados a um discurso integral sobre a evolução natural. A necessidade de discutir algumas das hipóteses que a biologia da época alimentava acerca da evolução trazia, então, consigo o objectivo de revelar o horizonte bio-filosófico em que se deveriam inscrever todos os discursos acerca das alterações evolutivas estruturantes da natureza.

Por ocasião da publicação de *L'évolution créatrice*, Bergson confessava ao zoólogo vitalista alemão H. Driesch: “*Si un livre tel que le mien pouvait, de son côté, et par des moyens quelque peu différents, contribuer à éliminer la métaphysique inconsciente (et par conséquent inconsistante) qui pénètre une bonne partie de notre évolutionnisme, j'en serai vérita-*

²⁵ Entre essas críticas, contaram-se as posições de dois autores portugueses: Leonardo Coimbra e Diamantino Martins.

²⁶ H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, Édition critique, Presses Universitaires de France, Paris, 2008, p. 56. Apesar de recorrer ao léxico de origem espinosista, Bergson não se aproxima do modo de considerar de Espinosa. Na sequência das críticas do Padre Tonquédec, sobre o conceito de “Deus” presente em *L'évolution créatrice*, Bergson é claro na sua recusa do panteísmo: “*Or, si les considérations exposées dans mon Essai sur les données immédiates aboutissent à mettre en lumière le fait de la liberté; celles de Matière et mémoire font toucher du doigt, je l'espère, la réalité de l'esprit; celles de l'Évolution créatrice présentent la création comme un fait: de tout cela se dégage nettement l'idée d'un Dieu créateur et libre, générateur à la fois de la matière et de la vie, par l'évolution des espèces et par la constitution des personnalités humaines. De tout cela se dégage, par conséquent, la réfutation du monisme et du panthéisme en général.*”, *Mélanges*, p. 964.

blement heureux."²⁷. Ou seja, a verdade do evolucionismo de Bergson vive da interpenetração entre os dados positivos e a problematização metafísica, sendo essa a autêntica garantia de um discurso feito à medida da realidade.

²⁷ H. Bergson, *Correspondances*, Presses Universitaires de France, Paris, 2002, p. 160.